

Duas Memorias do jesuita Manuel Pinheiro.

I. A fundação do Hospicio do Aquiraz.—II. Posse dos jesuitas como administradores das aldeias do Ceará.

Em 1720 aportava a Pernambuco a frota vinda do Reino.

Eram passageiros della o jesuita João Guedes e os chefes da serra de Ibiapaba, Mestre de Campo D. Felippe de Souza e Capitão Christovam de Souza. Não podera acompanha-los D. Jacob, pae de D. Felippe, que esse a morte colhera em Lisbôa, para onde os tres haviam ido afim de impetrar d'El-Rei D. João V a volta da Missão da Serra ao governo de Pernambuco.

O Padre era natural do reino da Bohemia e, no dizer de Loreto Couto, *homem insigne e huma perfeita idea de religiosas virtudes.* No seu necrologico exarado nos archivos da Ordem (anno de 1745) entre outros conceitos se diz delle: bonis moribus cum esset ornatus per magna authoritate et laudibus floruit; multa praeclara egit; vir erat pii et excelsi animi; residentiae Searensis auctor et fundator fuit.

A requerimento de João da Maya tinha passado a Ibiapaba á jurisdicção do Maranhão como medida de ter os indios sempre promptos para a guerra, mas á vista das representações e queixas daquelles chefes voltou a ser sujeita como dantes ao governo de Pernambuco com a condição do governador do Maranhão poder convocar os Indios para guerrear os selvagens sempre que julgasse necessario.

Foi o P.e João Guedes portador na mesma occasião de uma Ordem Regia determinando que se fundasse no Ceará um hospicio para 10 padres da sua congregação, Imperiaes ou Allemães, a cada um dos quaes foi marcada a importancia annual de oitenta escudos romanos para alimentação e vestuario. Para fabrica da casa e da egreja mandou se dar 2800 escudos.

Ordem identica já havia sido concedida por D. Pedro II, mas o Padre Francisco de Mattos, Provincial daquelle tempo, entendera por varios motivos não dar principio á fundação.

Não havendo padres allemães em numero sufficiente, tratou o P.e Guedes de os substituir por Portuguezes, mas recusaram seguil-o aquelles a quem se dirigiu a respeito.

Continuava assim, e por annos, sem execução a Ordem de D. João quando o provincial Gaspar de Farias resolveu que tomassem o caminho do Ceará os Padres João Guedes como superior, Manoel Baptista como operario, Felix Capelli como mestre de meninos e o Irmão Manoel da Luz encarregado dos serviços da casa. Foi isso em 1725.

Chegados á pequena cidade do Forte, como então era chamada e ainda hoje lhe chamam os nossos sertanejos, não encontraram os Padres quem lhes desse agasalho. As poucas casas que havia estavam cheias.

Aconteceu, porem, existir aqui um antigo discipulo dos jesuitas João Dantas de Aguiar, que lhes emprestou a propria moradia, e foi aboletar-se numa pequena vivenda junto ao rio Ceará.

O emprestimo, todavia, não podia prolongar-se por muito tempo, e mesmo porque viam os padres o descommodo, que ao proprietario estavam dando, trataram de construir, embora a ligeira, casa onde assistissem.

Prompta esta, uma das pequenas salas foi destinada á erecção de um altar onde celebravam mis-

sa; ahi tambem ouviam de confissão, pregavam aos domingos e dias de festa e recebiam o vigario ou parocho quando vinha a serviço do seu ministerio.

Os limites da propriedade não iam longe e pois não permittiam a construcção de um Hospicio, seu principal objectivo; de um lado corria o pequeno rio, do outro era a fortaleza. E o Conselho de Lisbôa a insistir pela erecção do hospicio.

Nesse estado de tanta perplexidade, appareceu a visital-os o Capitão João de Barros Braga, que lhes offereceu o terreno preciso mas em Aquiraz. Acceita a offerta, para lá se transportaram os padres a tomar posse.

O doador já se recommendava por acto anterior de apreciada generosidade: á chegada de Christovam Soares Reymão não havendo casas para sua aposentadoria e das pessoas do sequito nem dinheiro com que fossem fabricadas, elle as mandou fazer á sua custa e as preparou de moveis e mais utensilios necessarios, para serem utilisadas nessa occasião como egualmente o foram ainda em outras emergencias.

A dadiva impunha uma condição: uma missa perpetua cada semana em intenção de Barros Braga e seus parentes vivos e defuntos.

Comprehendia a doação, alem da terra em que residia Barros Braga, todo o terreno que era limitrophe com o do Coronel Jorge da Costa Gadelha, por alcunha o Peia Bodes e que mais tarde foi vendido ao governo a preço de 80 escudos romanos pelo superior Manoel de Carvalho.

Tem a data de 2 de Abril de 1733 uma ordem de Marcos Coelho, Provincial da Provincia do Brasil, para a dita venda.

Outra pequena propriedade tiveram os Padres, mas essa de muitos annos posterior; foi a do sitio Pindoba onde se recolhiam os gados e animaes, parte della por compra e parte por dadiva de Estevam Velho de Moura.

São, pois, João Dantas de Aguiar, João de Barros Braga e Estevam Velho de Moura os primeiros e principaes bemfeitores do real hospicio do Aquiraz.

João Dantas de Aguiar foi o tenente do presidio de Fortaleza sobre o qual atiraram com espingarda na noite de 1 de Janeiro de 1726, facto sobre que abriu inquerito o juiz ordinario Coronel Costa Gadelha e foi elle mesmo juiz ordinario de Fortaleza em 1734, e Estevam Velho de Moura foi proprietario de terras no rio Pacoty e das do rio Choró visinhas ás quaes obtiveram 8 leguas por data de sesmaria a 16 de Agosto de 1691 Domingos Ferreira Chaves, Manuel Nogueira Cardoso, Sebastião Dias Freire e João Carvalho da Nobrega. Sobre o 2.º, porem, desses antigos vultos da capitania escasseam menos as noticias.

João de Barros Braga começou a figurar no Ceará em 1696, anno em que serviu de grande auxiliar do P.e João da Costa no aldeiamento dos Payacus que andavam rebellados; foi ajudante e capitão de cavallos, coronel da villa de S. José de Ribamar, mestre de campo do Terço de auxiliares do Ceará e capitão-mor do Rio Grande, merecendo a ultima dessas mercês por despacho de 15 de Maio e respectiva Carta de 16 de Julho de 1730. Ajudou poderosamente a reedificação das fortalezas de N.a S.a d'Assumpção e do Jaguaribe e por vezes salientou se na repressão do gentio barbaro e dos soldados do presidio e na captura de famigerados criminosos.

Falleceu em fins de 1742 ou principios de 1743 sendo substituido no posto de Mestre de campo por Jorge da Costa Gadelha, coronel de cavallaria e residente em Aquiraz, por proposta do Conselho Ultramarino de 17 de Outubro e Ordem Regia de 27 de Novembro de 1743.

Com elle concorreram para o posto de capitão-mor do Rio Grande João de Teive Barreto e Menezes, ex-capitão de infantaria de Funchal, José Henriques de Carvalho com serviços quer no Reino quer

em Rio de Janeiro e Pernambuco, Miguel de Mello ex-capitão-mor do presidio de Caconda em Angola e Christovam Dias Castro, que tomou parte no sitio de Badajoz e na rendição de Alcantara.

Em quanto João Guedes e o Irmão Manoel da Cruz permaneciam em Fortaleza, Baptista e Capelli construiam casa em Aquiraz, e concluida esta, os quatro se reuniram.

Minoradas as difficuldades e vencidos os obstaculos de maior monta, tratou-se então do hospicio.

Como o dinheiro destinado a elle por El-Rei estivesse guardado em Pernambuco, para lá seguiu o P.e Baptista.

Recebida a importancia, voltou o emissario trazendo comsigo uma bella Imagem de N.a S.a d'Assumpção, que pertencera á Missão da Ibiapaba.

Veio em sua companhia o Irmão Antonio Nunes. A viagem de Pau Amarello ao Ceará foi cheia de perigos e occasião de peripecias. Momento houve em que as vidas estiveram a perder-se si não fora a habilidade e o sangue frio do Irmão.

Tudo parecia bem encaminhado; havia local apropriado e já não faltava o dinheiro para construcção do hospicio; surgiram, porem, entre os interessados divergencias sobre o modo de fazel-o; este queria-o de um modo, aquelle de outro modo, a um quadrava tal systema de architectura, a outro parecia melhor systema differente.

O mesmo aconteceu mais tarde a respeito da edificação da Egreja.

Tal diversidade de pareceres exigiu a intervenção dos superiores, decidindo o Provincial que o P.e João Guedes não se intromettesse no caso e que o serviço ficasse a cargo de Manoel Baptista e Capelli auxiliados pelo Irmão Antonio Nunes. Como Capelli ao mesmo tempo exercia as funcções de mestre de meninos, e porque era excessivo o trabalho veio substituil-o nesse ultimo emprego o P.e Pedro Nogueira. Retiraram-se então para a pequena casa de Forta-

leza o P.[e] João Guedes e o Irmão Manuel da Luz, si bem que aquelle fosse semanalmente ao Aquiraz a ver o andamento das obras.

Em pouco tempo erguia-se o hospicio, construido de vigas de pau-ferro e barro. Era uma casa baixa, terrea, com um mirante donde se podia espraiar a vista sobre a villa e o rio Pacoty. que, quando cheio, vinha até a horta.

Compunha se ao oriente de uma sala em que se recolhiam provimentos, utensilios e mais cousas vindas de Pernambuco e de uma outra destinada ao serviço da sachristia; ao poente seis quartos; ao norte as officinas, despensa e refeitorio; ao sul outros seis quartos; a portaria servia ao mesmo tempo de capella para celebração dos actos religiosos.

A' Egreja propriamente dita deu-se principio só em 1748, sendo a pedra fundamental collocada dia de S. Ignacio (31 de Julho) com as inscripções *sapientia ædificavit sibi domum*, de um lado, e *Signum magnum apparuit in cælo*, do outro. O local preferido por Manuel Pinheiro, o constructor da Egreja, foi o mesmo escolhido por João Guedes e Antonio Nunes, mas a ideia primitiva de uma casa feita com grossas estacas foi posta de parte e então fizeram-se os muros de pedra e cal e as portas e tribunas de pedra lavrada, para o que vieram artifices de Pernambuco.

Quando as paredes estavam na altura de 20 palmos chegou o P.[e] Francisco de Sampaio a substituir Manuel Pinheiro; esse teve, obteve, a bôa ideia de continuar-lhe o plano da obra.

Assim ergueu-se o Hospicio do Aquiraz, mas não gosou João Guedes da felicidade de ver a Egreja que sonhara e para a qual tantas fadigas e esforços despendera, pois que falleceu a 11 de Fevereiro de 1743. Jaz sepultado mesmo na portaria do hospicio que, como ficou consignado, servia de egreja à espera da que mais tarde foi fabricada. Repousou elle desta arte em terra dos seus queridos indios por

cujo amor soffreu duras prisões e mais de uma vez atravessou o oceano.

Garantiu a existencia da nova creação religiosa do Ceará a rainha D.ª Marianna d'Austria, que governou durante a molestia de D. João 5.º, ordenando o pagamento de 60 escudos a cada religioso assistente no hospicio. Foi isso em 1749. Era superior nesse tempo o P.e Manuel Pinheiro e Provincial o P.e Simão Marques.

E' a seguinte a lista dos superiores que teve o Hospicio do Aquiraz, e dos seus auxiliares, até a conclusão da egreja.

—1725. João Guedes (superior), Manuel Baptista, Felix Capelli e Manuel da Luz.

—1732. João Guedes (superior), Pedro Nogueira, Felix Capelli, Manuel Pinheiro, Manuel de Macedo (irmão).

—1735. Luiz de Mendonça (superior), Manuel Pinheiro, Manuel de Mattos, Manuel de Macedo.

Luiz de Mendonça nasceu em Olinda em 1685, filiou-se a 14 de Junho de 1701 e professou dos 4 votos a 15 de Agosto de 1720.

—1737. João Guedes (visitador), Manuel Carvalho (superior), Manuel de Mattos, José da Rocha, Manuel das Neves, Manuel de Macedo, Antonio Siqueira (irmão).

—1739. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, José da Rocha, Manuel das Neves, Manuel Baptista, Antonio Siqueira e Manuel de Macedo. Rocha e Neves eram missionarios volantes, como lhes chamavam.

Manuel de Mattos nasceu em Vianna (Portugal) a 12 de Fevereiro de 1692, filiou-se a 31 de Outubro de 1708 e foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1733.

—1740. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, Manuel Baptista, Manuel de Moura, Manuel de Lima, Francisco Leal, Antonio Pinto, Luiz Jacome

e os irmãos Antonio de Siqueira, José de Passos e Manuel Diniz.

Francisco Leal nasceu na Bahia a 16 de Março de 1691, filiou-se a 15 de Setembro de 1712 e foi coadjuctor espiritual a 21 de Dezembro de 1729; Antonio Pinto nasceu em Telhado em 1707, filiou-se a 23 de Maio de 1727, foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1740 e falleceu a 11 de Julho de 1757; Luiz Jacome nasceu em Braga a 12 de Abril de 1706, filiou-se a 1 de Fevereiro de 1728 e falleceu a 25 de Maio de 1745; Antonio de Siqueira nasceu no Rio de Janeiro em 1701, filiou-se a 17 de Junho de 1725 e fez a formatura a 15 de Agosto de 1737; José de Passos nasceu em Olinda em 1715 e filiou-se a 13 de Dezembro de 1730.

—1741. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, Manoel de Moura, Antonio Dantas e Antonio de Siqueira. Antonio Dantas nasceu em Braga em 1691, filiou-se a 13 de Setembro de 1713 e fez a formatura a 15 de Agosto de 1727.

—1743. Francisco da Lyra (superior), Manuel Pinheiro, Manuel de Lima e Antonio de Siqueira.

Francisco de Lyra fora superior da Ibiapaba em 1718 sendo seu companheiro Agostinho Correa nascido em Braga em 1665, filiado a 14 de Junho de 1685 e coadjuctor a 15 de Agosto de 1696, em 1719 com o dito Correa, em 1720 com o mesmo e mais o P.e Manuel Pedroso, em 1722 com o mesmo e mais o P.e João Guedes e em 1732 com os P.es Manuel Baptista, Pedro da Silva e Raphael Gomes.

Nascera em 1676 na Ilha da Madeira, filiara-se a 20 de Outubro de 1694 e professara dos 4 votos a 28 de Outubro de 1723.

Pedro da Silva nasceu em Olinda em 1686, filiou-se a 3 de Novembro de 1700 e foi coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1714; Raphael Gomes nasceu em Ponte de Lima a 10 de Outubro de 1698 e filiou-se a 1 de Fevereiro de 1713.

—1745. Francisco de Lyra (superior), Rogerio

Canisio, Manuel de Mattos, Estevam Monteiro, Antonio Siqueira e Jacyntho da Fonseca.

Estevam Monteiro nasceu em Mirandella a 26 de Outubro de 1704 e filiou-se a 7 de Dezembro de 1721.

—1746. Francisco de Lyra (superior), Rogerio Canisio, Antonio dos Reis, João de Salles e Manuel Vaz.

—1748. Manuel Pinheiro (superior), Manuel de Lima, Francisco de Lyra, Francisco Leal, José de Anchieta e Jacyntho da Fonseca.

—1757. João de Britto (superior), Francisco de Lyra, José de Amorim, Manuel de Lima, Manuel Franco e Manuel de Macedo.

O P.e Manuel Pinheiro, autor das duas *Memorias* que vão a seguir, por elle escriptas quando na Italia, o que explica a lingua de que se serviu, era Portuguez, do Porto, nasceu em 1695, entrou para a Companhia a 12 de Dezembro de 1714, e teve o grau de coadjuctor espiritual a 1 de Janeiro de 1734.

Um dos expulsos do Brasil por motivo da perseguição Pombalina, vivia ainda em 1773 na cidade de Roma, tendo morado a principio no Collegio dos Inglezes e depois em Castro Gandolpho.

Foram como elle victimas da immerecida e execranda medida, como haviam sido seus socios nas agruras e victorias do apostolado no Ceará, os seguintes sacerdotes:

—Manuel das Neves, Bahiano, nascido a 18 de Maio de 1698, entrado na Ordem a 30 de Julho de 1712 e fallecido em Roma a 20 de Novembro de 1760;

—Manuel de Lima, Bahiano, nascido a 13 de Janeiro de 1706 e filiado a 25 de Julho de 1720;

—José da Rocha, nascido no Recife a 14 de Julho de 1692, filiado a 17 de Outubro de 1707, professo dos 3 votos a 1 de Novembro de 1732 e fallecido a 20 de Março de 1769 em Castro Gandolpho;

—Francisco Gouvea, Fluminense, nascido em 1718, filiado a 11 de Agosto de 1734 e professo a 10 de Junho de 1753;

—Ignacio Gomes, nascido em Lisbôa em 1718, filiado a 28 de Junho de 1733 e professo dos 4 votos a 7 de Maio de 1750;

—Antonio dos Reis, nascido em Barqueiros em 1710, filiado a 14 de Julho de 1728 e professo a 7 de Maio de 1750;

—Manuel de Macedo, nascido em 1697, filiado em 1730, formado a 29 de Junho de 1742;

—João de Salles, nascido em S. Paulo a 17 de Novembro de 1715, filiado a 25 de Julho de 1732 e professo a 8 de Dezembro de 1752;

—Manuel Franco, nascido em Lisbôa em 1715, filiado a 25 de Novembro de 1732 e professo dos 4 votos a 2 de Fevereiro de 1750;

—José de Amorim, Spiritosantense, nascido a 19 de Julho de 1711, filiado a 14 de Julho de 1728, professo dos 3 votos a 15 de Agosto de 1745 e fallecido a 17 de Maio de 1769; era o missionario da aldeia de S. Sebastião de Paupina e foi substituido pelo padre secular Manuel Pegado de Siqueira Côrtes;

—João Antunes, nascido a 3 de Maio de 1710 e filiado a 18 de Outubro de 1728;

—Francisco Pereira, nascido em Braga em 1710, filiado a 22 de Setembro de 1728, professo a 2 de Fevereiro de 1746 e fallecido em Roma a 12 de Janeiro de 1762;

—Manuel de Moura, nascido no Porto em 1701, filiado a 30 de Julho de 1718, professo a 10 de Outubro de 1740 e fallecido em Roma a 4 de Março de 1763;

—José Ignacio, missionario da aldeia de Caucaia e a quem substituiu o P.e secular Antonio Carvalho da Silva;

—Antonio Dantas, missionario da Parangaba, substituido pelo P.e Antonio Coelho de Amaral;

—José Caetano, missionario da aldeia dos Payacus, substituido pelo Padre Antonio Pires e Cardenas;

—Manuel Diniz, nascido em Braga em 1712, fi-

liado a 24 de Abril de 1729 e formado a 29 de Junho de 1742;

—Manuel Simões, nascido em Catanhede em 1691, filiado a 10 de Julho de 1715, formado a 15 de Março de 1725, e fallecido em Roma a 1 de Abril de 1766;

—Manuel Vaz, nascido a 10 de Dezembro de 1716, filiado a 4 de Agosto de 1741 e formado a 8 de Dezembro de 1752;

—Jacyntho da Fonseca, nascido em Villanova em 1702, filiado a 15 de Novembro de 1732, formado a 29 de Setembro de 1750 e fallecido em Roma a 13 de Novembro de 1761.

—Rogerio Canisio, nascido como João Brewer em Cologne (Allemanha) em 1711, filiado a 17 de Outubro de 1731 e professo a 2 de Fevereiro de 1748. Delle trata Loreto Couto no capitulo 24 do seu livro *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*. Falleceu nas prisões do forte de S. Julião.

Dos soffrimentos humanos de que foram mudas testemunhas as masmorras de S. Julião não conheço narrativa especial; deveriam ter sido horrorosos attendendo-se ao odio dos perseguidores e aos desejos que tinham os subalternos e os asseclas de se mostrar agradaveis e doceis instrumentos; o mesmo não acontece com os dezenove carceres ou prisões da Junqueira, porque as descreveu com a penna, por melhor dizel-o, ensopada em lagrimas e sangue o Marquez de Alorna. Esse livro, hoje raro, do qual possuo um exemplar, foi ha dezenas de annos publicado conforme o original por Sousa Amado e se intitula *As Prisões da Junqueira durante o Ministerio do Marquez de Pombal escriptas alli mesmo pelo Marquez de Alorna uma das suas victimas.*

Nesses carceres foram companheiros do illustre fidalgo, entre outros, os jesuitas José Moreira, João de Mattos, Pedro Homem, o grande Malagrida, chamado o Apostolo do Maranhão e Francisco Duarte,

polyglota e profundo conhecedor das sciencias medicas.

Sobre o manuscripto e seu autor deixou Sousa Amado interessantes esclarecimentos, como se vê dos seguintes trechos:

«E' um caderno em quarto, ainda bem conservado, mas que mostra ter-se feito delle muito uso. A lettra é perfeitamente bem formada e legivel. Foi escripto com tinta vermelha, que hoje se acha algum tanto desbotada.

Esta circumstancia é digna de explicar-se. Naquellas prisões, onde por tantos annos gemeu a innocencia, e o merecimento, os presos, pela maior parte, eram privados de tinteiro, talvez pelo receio de se relacionarem uns com os outros, ou com suas familias. O Auctor porém desta Memoria excogitou um meio, que muito bem lhe sortiu, para haver tinta; e foi, lavar os pés das cadeiras, que lhe deram, pintadas de vermelho, com o vinagre, que lhe ia ao jantar; e foi com esta tinta que elle escreveu a historia das prisões, isto é, das crueldades, tormentos e privações, que soffreu, e viu soffrer.

A' margem d'este precioso Manuscripto, e no intervallo das linhas, ha emendas e correcções, e accrescentamentos feitos com tinta preta, e da mesma lettra, e isto leva-nos a crer que o illustre Marquez de Alorna, mais tarde, pôde alcançar tinteiro, ou que então revêra a sua obra depois de sair d'aquelles carceres.

A qualidade do Auctor e victima ao mesmo tempo, o desejo de saber a historia de tão longos annos de soffrimentos, fizeram com que o Manuscripto fosse procurado com o maior empenho, o que provam as copias, que possuem algumas familias nobres nesta côrte, e ainda outras.

E se a classe da nobreza enriquecia as suas bibliothecas com os Manuscriptos das prisões, o original dellas devia parar em outras mãos; e com effeito, segundo podémos saber, assim acontecêra.

O penultimo possuidor das Prisões da Junqueira foi o Sr. D. Miguel de Bragança, a cuja leitura se deve talvez o restabelecimento dos Jesuitas, que hoje tantos serviços estão fazendo á Religião sob governos Monarchicos e Republicanos como na Hespanha, França, Inglaterra, Austria, e sobre tudo nos Estados Unidos da America.

O benemerito Marquez de Alorna foi preso em Lisbôa no anno de 1776, na sua casa, a Jesus, estando já recolhido no seu quarto, por serem horas adiantadas da noite. Tinha 25 annos de idade, e achava-se nomeado embaixador para França.

Seis mezes depois a Marqueza de Alorna e suas filhas foram mandadas para o convento de Chellas.

Na Junqueira, segunda prisão, para que fôra mandado, conservou-se por espaço de 19 annos, e alli teria soffrido a sorte de tantos padres e fidalgos, se Sebastião José de Carvalho continuasse por mais tempo no ministerio, como desejava com avidez pouco vulgar.

Quiz a Providencia, que o inimigo do clero e da nobreza fosse lançado fóra do Governo; e a S.ª D. Maria I bem informada da innocencia do illustrado Marquez de Alorna (que nunca soube, nem antes, nem no tempo da prisão, nem depois, a causa porque o prenderam, apezar de muitas vezes instar para que o mettessem em processo!!!), mandou o soltar por Portaria de 7 de Março de 1777, á qual se seguiu em 17 de Maio do mesmo anno o Decreto seguinte:

«Porquanto fui servida mandar, que o Marquez de Alorna, quando sahiu da prisão em que se achava, se retirasse desta côrte em quanto se não justificasse da mais leve culpa de inconfidencia; e requerendo-me o dito Marquez a exacta averiguação da sua innocencia, ou culpa; sendo commettido este importante negocio a uma Junta de Ministros dignos delle, com assistencia do Procurador da minha real coroa *foi por todos uniformemente julgado que o dito Marquez se achava innocente, e sem prova por onde*

se podesse dizer culpado: Hei por bem de o declarar assim para que possa ser restabelecido ás honras e liberdades, que por direito lhe competem.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 17 de Maio de 1777.—Com Rubrica de Sua Magestade».

Por este meio tão solemne e decoroso foi comprovada a innocencia do illustre preso da Junqueira, o que ao mesmo tempo importa a condemnação mais formal das medidas arbitrarias de Sebastião José, que com tanta crueldade se arvorou em perseguidor dos que lhe levavam vantagem em saber, virtudes e nobreza.

Depois que o illustre Auctor *destas Prisões* se viu em liberdade, e restituido aos seus direitos, viveu sempre retirado em Almeirim, ou em Almada, repartindo o tempo em oração e obras pias; e para se recrear, entregava-se a observações astronomicas, por que mostrava muita paixão. A sua ultima molestia foi resultado de uma constipação durante estas observações.

Viveu até 1801, tendo a consolação de ver nascido o actual Marquez de Fronteira, seu bisneto.»

Outros houve ainda, como aquelles, expulsos e desterrados, mas a seu respeito fallecem-me as informações.

Os jesuitas do Ceará recolheram-se a Pernambuco em fins de Fevereiro de 1760. Manoel Correia Vasques foi quem os conduziu. Alem desse official compunham a escolta 1 sargento, 2 cabos e 10 soldados.

Taes, cujos nomes registo nestas paginas e muitos outros dentre innumeros companheiros, valentes soldados do progresso neste canto da America Portugueza, já eu o disse, foram victimas da sanha antireligiosa de Pombal. A elles se podem applicar bem e com verdade as opiniões do governador do Maranhão a El-Rei em 1725: «Os Padres da Companhia são e sempre foram odiados nesta provincia unicamente porque defendem com zelo a liberdade dos desgraçados Indios, e com todas suas forças se op-

peridade agricola daquellas campinas só restão algumas larangeiras, e tamarindos perdidos na matta virgem».

Alli é um governador, testemunha de visu, a proclamar os jesuitas como defensores da liberdade dos fracos e dos opprimidos; aqui é um escriptor de reconhecida competencia e acima de toda suspeição, porquanto pertencia a um credo dissidente da Egreja catholica, a reconhecel-os como os organisadores do trabalho entre os indios, como mestres nas artes agricolas.

As affirmativas do escriptor protestante póde tomal-as a si o Ceará, e substituidos os nomes Soure, Atures, Charicama por Aquiraz, Viçosa e outras localidades Cearenses está feito o elogio dos dignos continuadores da obra civilisadora de Francisco Pinto e Figueira.

Por indole e educação me inclino á defeza dos outros e só ante provas abundantes, decisivas julgo que as acções alheias são más e carecedoras de correctivo; pelas lições da historia e conhecimento que tenho da sociedade humana, cujas paixões são sem conta e sem limites, apraz-me o papel de advogado e recuso o de accusador; determino-me sempre a estar ao lado da victima de preferencia a bater palmas ao algoz embora forte e distribuidor de graças; tratando-se, porem, dos filhos de Loyola, tudo, indole natural, ensinamentos da historia, testemunhos coevos, gratidão de patriota, tudo me conduz á defesa desses paladinos da minha religião, desses emissarios da paz e do progresso moral e material do meu paiz.

Referindo-se aos citados dizeres da *Voyage au Brésil*, ajunta Alexandre Le Roy o seguinte com que estou de pleno accordo e a que assentirão todos quantos não são eivados de estreito partidarismo.

« Este trecho de Agassiz forma em resumo a opinião de hoje. A dispersão das ordens religiosas e a ruina das missões foram para a America do Sul o

que foram para a Africa, um manifesto retrocesso. Uma assignatura do Marquez de Pombal, lançada no papel n'uma crise de fanatismo irreligioso, bastou para anniquilar em um dia estes resultados accumulados por annos e seculos d'esforços, de intelligencia e de dedicação.

Este moderno vandalismo terá uma desculpa? Sim, dizem certas pessoas: a ambição sem limites dos missionarios. Talvez, para ser justo e veridico, fosse bom accrescentar a este motivo alguma inveja do poder, alguma opposição da parte dos oppressores da população india, algumas calumnias de toda a especie para desacreditar e arruinar a obra moralisadora do aperfeiçoamento organisada por homens em que se via testemunhas importunas e adversarios resolutos ».

Si deixada, posta de parte a America, occupar-se a critica das missões Africanas, as illações a tirar e as conclusões serão identicas: mudança de palco, outros actores, mas as mesmas victorias da religião sobre as populações barbaras e incultas, os mesmos labores da Ordem de Jesus e os mesmos resultados funestos oriundos das perseguições, e da final extincção com que lhe retribuiram os admiraveis serviços.

«Quanto deve Portugal, escreve Leon Bethune, lamentar as perseguições, que outr'ora exerceu contra os jesuitas! Sem a enorme falta commettida por Pombal e seus successores nunca a Inglaterra teria tido occasião de levantar aos lusitanos a injusta questão, que lhes suscita.

Os territorios ha tempos *descobertos* por Levingstone e occupados pelos missionarios escossezes conservaram profundos traços da evangelisação dos jesuitas, os quaes tiveram florescentes christandades em Cassange e nas margens do Chire e do Zambeze.

Desde o seculo XVI os jesuitas rivalisaram de zelo para penetrar no centro do continente negro

e o P.e Silveira foi martyrisado em 1559 por ordem de um principe do paiz actual dos Matabeles. Os jesuitas tinham esplendidas christandades em Quelimane, Tete e Senna desde 1610 e fundaram no Zambeze villas christans cujas ruinas, rodeadas de supersticioso respeito pelos indigenas, foram encontradas por Levingstone.

Os jesuitas foram no seculo passado brutalmente expulsos das suas christandades por Pombal, e dessa epocha data a decadencia do poder Portuguez nessas paragens».

Sobre os jesuitas de que tratam mais miudamente as *Memorias* do P.e Pinheiro, posso adiantar os seguintes apontamentos, que não deixam de ser curiosos.

O P.e João Guedes, o fundador do hospicio do Aquiraz, natural da Bohemia como já disse, nasceu em 1660, entrou para a Ordem a 18 de Março de 1676, professou do 4.º voto a 15 de Agosto de 1694 e falleceu em seu hospicio a 11 de Fevereiro de 1743. Por duas vezes foi a Lisbôa a advogar os interesses dos indios do Ceará.

O P.e Manuel Baptista figura nos archivos da Ordem como nascido no Porto em 1682, filiado a 14 de Agosto de 1699 e coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1714, si bem que Loreto Couto o diga natural da freguezia de Santa Christina, Arcebispado de Braga.

Foi o orador sacro nas pomposas festas celebradas no 1.º anno do governo do Capitão-mór João Baptista Furtado pelos desposorios do Principe do Brasil e que tantos dissabores acarretaram.

Foi o caso que o capitão-mor despendera 300$000 com os festejos, e o governador de Pernambuco recusou mandar pagar as despezas feitas. A quantia era para os tempos um tanto avultada realmente, mas nada se poupara para o brilhantismo das festas: exposição do Santissimo Sacramento, sermão, do lado de fora da egreja um throno com os retratos dos prin-

cipes cercado de mais de 200 luzes, luminarias e fogos de ar e corda por trez dias, arvores de fogo etc., etc.

De tudo isso deu Baptista Furtado uma justificação perante o juiz ordinario Antonio Maciel de Andrade, que deu provimento e achou tudo legal por despacho de 25 de Novembro de 1730.

«Trinta annos, escreve delle o autor dos *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*, viveo na continua tarefa de ganhar almas a Deus. Assistio aos indios do Ceará com summa caridade, instruhindo-os com seus exemplos e santas direcções. Os ultimos cinco annos da sua vida se recolheo ao real hospicio da dita provincia do Ceará onde com grande esplendor de virtudes finalizou a vida no fim de Julho de 1756 quando contava 75 annos de idade e foy o primeiro sepultado na Egreja de N.ª S.ª d'Assumpção do dito hospicio».

O P.^e^ Manuel Baptista foi tambem superior das Aldeias de Ibiapaba e Parangaba.

O P.^e^ Felix Capelli era de Lisbôa, entrou para a Ordem a 31 de Outubro de 1703 e professou a 21 de Novembro de 1723.

O P.^e^ Pedro Nogueira era Bahiano, nascido em 1686. Entrou para a Ordem a 15 de Julho de 1704 e foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1724.

***

Em terras do Brasil, onde pisasse o pé do soldado Europeu, em lances de fortuna sua propria ou em busca de dilatar o circulo dos possuidos da corôa, surgia concomitantemente ou logo após o vulto sereno do missionario catholico.

Um trazia com a voz do mando o ideal da conquista e cercava-se do apparatoso cortejo das armas; o outro empunhava o ramo da oliveira da paz e era o portador do Evangelho, que compendia a fé e a caridade; a aquelle engrinaldavam a fronte

laureis ensanguentados e na sua passagem cresciam os gritos de protesto, o tinir das cadeias, as lagrimas e os suspiros, as invectivas e as vindictas, a este, si sobravam os trabalhos e as canceiras, a que muita vez punha remate o sacrificio da propria existencia, ficavam devendo as populações a vida da sociedade, o esquecimento das usanças barbaras, os confortos da fé, os beneficios da civilisação.

Para demonstral-o não careço de recorrer á chronica das Capitanias do Sul que, todas ellas, abundam em exemplos palpitantes, basta que me reporte ao que mais de perto nos toca.

Ainda não se tinham dissipado os echos lugubres da expedição de Pero Coelho e já os jesuitas Pinto e Figueira, de ordem do provincial Fernão Cardim, se embarcavam no Recife para a catechese dos indios, que teriam mais tarde de lhes recompensar o zelo apostolico com a tragedia da Ibiapaba levada a effeito pelos Tocarijus e com o horrendo morticinio de que foram protagonistas os sanguinarios Aroans; em 1612 chega ao Ceará Martim Soares Moreno no intuito de fazer trato e solidas allianças, e em sua companhia traz seis homens e um clerigo; no mesmo anno desferra velas do porto de Cancale em França a expedição de Razilly e La Ravardiere e a bordo de suas naves estão os capuchinhos Claudio d'Abbeville, Ivo de Evreux, Arsenio de Paris e Ambrosio de Amiens; a 23 de Agosto de 1614 sahe do Recife a Armada de Diogo de Campos destinada á conquista do Maranhão e á qual se ajunta Jeronymo de Albuquerque e vem com elles Frei Cosme de S. Damião e frei Manuel da Piedade, este nascido em Olinda, de familia nobre, pois que era filho de João Tavares, e conhecedor emerito da lingua tupy; com a armada de Du Prat, que é repellida pela gente do presidio do Ceará inflammada pelas predicas e valor do vigario P.e Balthazar João Correia, vem doze missionarios capuchinhos sob a chefia de Anchangelo de Pembroch.

Longa já se extende a lista dos exemplos, facilmente respigados aqui e alli para demonstração da minha these, mas não é difficultoso accrescel-a ainda e de muito.

No intuito de completar a conquista do Maranhão parte do Recife em Outubro de 1615 uma armada de 9 velas sendo piloto da capitanea Manuel Gonçalves Regeifeiro, que deixou o roteiro de toda a viagem, e na expedição tomam parte a mandado do provincial P. de Toledo os jesuitas Manuel Gomes e Diogo Nunes.

Este, natural de S. Vicente, diocese de Rio de Janeiro ,nascido em 1549 e entrado na Companhia em 1563, era profundo conhecedor da lingua dos indigenas.

Avultado é o numero dos Jesuitas, que se entregavam ao estudo do idioma dos indigenas; dahi as facilidades que tinham, mais que qualquer outra ordem religiosa, na realisação de seus planos, dahi as grandes conquistas, os maravilhosos resultados que assignalaram sua passagem pelas tribus.

Elles attingiram á nitida comprehensão de que falar-lhes a lingua equivalia a meio caminho andado para a catechese, e que o interprete, o lingua era o instrumento mais vantajoso para attrahil-as, para assimilal-as.

Para o selvagem, observa com acerto Couto de Magalhães, aquelle que fala sua lingua é um seu parente, portanto seu amigo.

De Montoya, o sabio mestre da lingua Guarany, se diz que elle, só elle, deu os rudimentos da civilisação a mais de cem mil americanos. E os collegios jesuiticos foram viveiros de Montoyas.

Mas continuemos com as provas.

A 25 de Março de 1624 deixam Lisbôa com as naus da India os dois navios da expedição de Francisco Coelho de Carvalho e vem nelles varios religiosos da Provincia de S. Antonio de Portugal e Cus-

todia do Brasil, entre os quaes avultava frei Christovam Severim.

A 30 de Abril de 1643 embarca com o Capitão-general Pedro de Albuquerque o celebre Luiz Figueira, trazendo 14 membros de sua Ordem, a 13 de Maio lançam ferro em Cabo Verde, a 12 de Junho descobrem terras do Maranhão e a 16 ancoram, mas taes se mostravam os ventos e as marés que a 29 chegam junto a ilha do Sol, *onde a tantos se pôs o sol da vida e lhes nasceu o da gloria*, como diz Nicolao Teixeira, um dos poucos sobreviventes da horrivel catastrophe.

Com os tropeços de toda sorte originados da invasão Hollandesa, cujos effeitos por longo tempo perduraram nas diversas Capitanias, suspendeu-se ou attenuou-se a obra da catechese para voltar mais tarde a se fazer de novo e a se consolidar, não entibiando o animo daquelles que dellas se encarregaram, e o mesmo se dera com seus antecessores, nem as agruras, inacreditaveis, dos caminhos, nem os riscos e as ciladas armadas pelos selvicolas, nem ás perseguições e as violencias dos proprios Portuguezes, que nelles tinham criticos da vida licenciosa que levavam e viam obstaculos para seus interesses, quasi sempre inconfessaveis.

Em 1656 deu-se principio a uma dessas novas missões.

Em Junho desse anno partiram para a serra de Ibiapaba os Padres Antonio Ribeiro e Pedro de Pedrosa e ahi encontraram tres aldeias de Tobajaras com cerca de 1800 almas, alem de muitos outros de lingua não geral e que, aliás, pareciam domesticos pois possuiam casas e lavouras.

Empenhados estavam nas obras da missão quando rebentou na fortaleza do Ceará uma revolta dos indios. Escreveu para a serra o Capellão do presidio invocando o auxilio dos padres e entenderam estes acudir ao appello, ficando alli o P.e Pedrosa e vindo ao Ceará o companheiro, coisa muito para censurar,

porquanto é dos estatutos e regulamentos da Ordem de Jesus não andarem os Padres senão aos dois.

Demorava-se no Ceará o P.e Antonio Ribeiro a pedido de André Vidal de Negreiros, que passara por alli naquella occasião, quando chegaram recommendações do visitador Francisco Gonçalves para voltarem os dois ao Maranhão por motivo sobretudo de não poderem ser soccorridos e visitados em distancia tamanha. Entrementes Ribeiro foi a Pernambuco e voltou de novo ao Ceará, augmentando assim os maus commentarios e as censuras dos Superiores.

Ordens se succederam umas após outras, até mesmo veio de Pernambuco munido de instrucções o P.e Ricardo Careu, mas o barco, em que viajava, deixou de tocar no Ceará e em Camucim; tambem os correios de terra por impedimentos varios não conseguiram levar nem trazer noticias ás aldeias. Tudo parecia conjurar-se contra a Missão da Ibiapaba quando no Maranhão recebeu se a noticia de que os Padres Ribeiro e Pedrosa estavam vivos e juntos.

Os indios, que de tal informavam, foram portadores tambem de cartas dos chefes e principaes requerendo com instancia a continuação entre elles dos missionarios, accrescentando o principal da aldeia do Ceará, que era um Algodão, amargas queixas contra Antonio Ribeiro por o haver deixado e a sua gente e não ter tido substituto.

Ordem Regia, cujo portador foi Pedro de Mello, para que nada se alterasse na Missão da Ibiapaba veio tirar os Superiores da perplexidade em que se encontravam si devia continuar ou desapparecer.

Eis mais uma vez os discipulos de Santo Ignacio na faina de chamar os filhos da floresta ao gremio da Egreja, ao convivio da civilisação.

Sobre a Missão da Ibiapaba é muito para ler-se a *Relação* deixada por Antonio Vieira, que foi grande parte nella e mesmo por lá esteve após uma viagem de vinte e um dias, ao cabo da qual elle e os

companheiros estavam descalços e traziam os pés em chagas.

A 2.ª *Memoria* de Manoel Pinheiro, que devo, como tambem a 1.ª, ao illustre P.e J. B. van Meurs, encerra a narração despretenciosa e por miudo de uma outra dessas pacificas expedições a que estavam affeitos os jesuitas em obediencia aos Superiores e ás regras do seu Instituto, organisado militarmente pelo fundador, que, sabemos todos, foi soldado por sua vez, e por signal que ferido no sitio de Pamplona, circumstancia que deu ensejo á sua conversão, e portanto ao estabelecimonto da Ordem de Jesus.

Mas essa missão se fez já no seculo 18.

Inicia-se dita *Memoria* em 1732 com as ordens do Provincial Marcos Coelho e do visitador José de Mendonça para a vinda do proprio Manuel Pinheiro ao Ceará, e refere demoradamente as muitas fadigas e trabalhos, que elle e consocios experimentaram na administração das diversas aldeias, até então regidas por padres seculares.

Os mais conhecidos desses padres seculares existentes então na Capitania eram Domingos Ferreira Chaves, Felix de Azevedo, Christovam de Albuquerque, Antonio Farinha e Fernando de Albuquerque. O primeiro da lista, de quem conheço um testamento feito a 28 de Agosto de 1749, era natural de Vidago, Arcebispado de Braga, e filho legitimo de Domingos Ferreira e Maria Mendes, possuia terras no Cocó, na Ribeira do Curú compradas a Pedro Barroso Valente (Sitio Patos, Buriti), e no sitio de Gerarahu.

Na *Memoria* ha a reparar um pouco na maneira como são graphados os nomes das aldeias Cearenses. Relativamente a *Parangaba* vejo mais uma vez confirmada a minha asserção de que os documentos antigos registam *Parangaba* de preferencia a *Porangaba*. As palavras *fiume piccolo*, pequeno rio, parecem dar o significado do termo *Aguanambi*, um mixto de portuguez e tupy, a que vem juntas, significado,

aliás, em opposição aos dizeres de entendidos que traduzem *nambi* por orelha, aza.

Dos nomes de missionarios, que enumera, ha alguns que merecem elogioso reparo, como por exemplo o de Jacob ou Jacopo Cochleo, que chegou ao Brasil em 1662 ao mesmo tempo que Felippe Burel e João Guedes, aquelle, missionario do Rio Grande, e este, do Rio S. Francisco emquanto o consentiu a poderosa Casa da Torre, e, mais tarde, do Ceará onde celebrisou-se.

Jacob Cochleo teve o berço em Artois, Philippeville, em 1629, entrou na Companhia a 5 de Maio de 1649 em Tournay, e fez profissão do 4.º voto a 2 de Fevereiro de 1665.

Veio para o Ceará em 1662 juntamente com o Padre Pedro Francisco, genovez, nascido em 1615, filiado em 1640 no Collegio do Rio de Janeiro e coadjuctor espiritual em 1652, e, depois de uma residencia de dez annos no Ceará, teve a seu cargo a missão dos indios Quiriris, foi reitor do Collegio do Rio de Janeiro e director dos jovens escolasticos da Bahia. Nesta ultima localidade fez-se notavel pelas innumeras conversões de protestantes, que operou. Falleceu a 17 de Abril de 1710 em cheiro de santidade.

Passe agora o leitor a compulsar as *Memorias*. Vão publicadas em italiano para melhor resguardo e estudo do modo de dizer e graphar do autor.

Lingua facil como é o italiano a nós outros Brasileiros, dispenso-me de dar aqui a traducção.

Barão de Studart.

